

Projetando memórias e tradições: experiência de assistência técnica na comunidade indígena Kariri-Xocó

Projecting memories and traditions: technical assistance experience in the Kariri-Xocó indigenous community

Proyectando memorias y tradiciones: experiencia de asistencia técnica en la comunidad indígena Kariri-Xocó

BRASIL, Améria Bezerra

Doutora, Departamento de Arquitetura UFRN, amiria.brasil@ufrn.br

SILVA, Carlos Vinícius Domingos

Graduando, Departamento de Arquitetura UFRN, carlos.vinicius.124@ufrn.edu.br

SILVA, Victor Gabriel Militão da

Graduando, Departamento de Arquitetura UFRN, victor.militao.706@ufrn.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta o trabalho de assistência técnica à comunidade indígena Kariri-Xocó, de Porto Real do Colégio, Alagoas, realizado pelo Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFRN (Maré EMAU). O projeto combina a assistência técnica em habitação de interesse social com a preservação da história e cultura dos povos indígenas, enriquecedora na formação estudantil e essencial para o atendimento pelo arquiteto e urbanista à sujeitos alheios ao trabalho desse profissional. A proposta inclui o projeto da Casa de memória da cultura e do idioma Kariri-Xocó, uma estrutura na aldeia que promove o ensino da língua materna para crianças e adolescentes, além de proporcionar um espaço de exposição de materiais e desenhos tradicionais desenvolvidos pelo povo.

PALAVRAS-CHAVES: Assistência técnica; Infraestrutura comunitária; Povos indígenas.

ABSTRACT

This article presents the work of technical assistance to the Kariri-Xocó indigenous community, in Porto Real do Colégio, Alagoas, carried out by the UFRN Model Office of Architecture and Urbanism (Maré EMAU). The project combines technical assistance in social housing with the preservation of the history and culture of indigenous peoples, enriching student training and essential for the architect and urban planner to assist subjects outside the work of this professional. The proposal includes a project of the Kariri-Xocó Culture and Language Memory House, a structure in the village that promotes the teaching of the mother tongue for children and adolescents, in addition to providing an exhibition space for materials and traditional designs developed by the people.

KEY WORDS: Technical assistance; Community infrastructure; Indigenous peoples.

RESUMEN

Este artículo presenta el trabajo de asistencia técnica a la comunidad indígena Kariri-Xocó, en Porto Real do Colégio, Alagoas, realizado por la Oficina Modelo de Arquitectura y Urbanismo de la UFRN (Maré EMAU). El proyecto combina la asistencia técnica en vivienda social con la preservación de la historia y la cultura de los

pueblos indígenas, enriqueciendo la formación de los estudiantes e imprescindible para que el arquitecto y urbanista asista a materias ajenas a la labor de este profesional. La propuesta incluye el proyecto de la Casa de la Memoria de la Cultura y la Lengua Kariri-Xocó, una estructura en el pueblo que promueve la enseñanza de la lengua materna para niños y adolescentes, además de brindar un espacio de exhibición de materiales y diseños tradicionales desarrollados por la gente.

PALABRAS CLAVE: Assistência técnica; Infraestruturas comunitarias; Pueblos indígenas.

1 INTRODUÇÃO

O Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Maré EMAU) é um projeto de extensão do Departamento de Arquitetura da UFRN (DARQ), fundado em 2019, que busc ressaltar a função social do Arquiteto e Urbanista, contribuindo para cidades mais justas. Tem-se como objetivos a atuação por meio de metodologias participativas, o protagonismo das comunidades locais e a promoção de ações e projetos na área de habitação de interesse social e a qualificação de espaços coletivos. Em 2019, seguindo esses princípios, o Maré EMAU atuou na reabilitação da Praça da Maré, na comunidade Passo da Pátria em Natal, em parceria com a professora Adriana Monteiro do Departamento de Ecologia da UFRN. Essa primeira atuação direta com os moradores foi fundamental para a construção dos princípios do EMAU e para a criação de sua base de experiências. Essa didática de trabalho, promovendo o protagonismo de quem vivencia o ambiente da ação, se alicerça na discussão apresentada no livro “Extensão ou Comunicação?” (1968), do educador brasileiro Paulo Freire.

Além dessa base teórica, a atuação do Maré EMAU é fruto da formação do grupo de extensão provocado por Juan E. Díaz Bordenave, que discutiu o conceito e os desdobramentos teóricos e práticos da Participação em sua obra “O que é Participação?”. O autor ressalta que a capacitação para a participação se dá através da práxis, um processo que mistura prática, técnica, invenção e teoria, pondo-as a serviço da luta do povo (BORDENAVE, 1994). Suas pontuações inspiram a coletividade pregada pelo EMAU, ao passo que enfatiza a importância dessas ações em nível micro e macro na estruturação de uma população mais consciente e organizada. Para estimular a colaboração e a participação, o EMAU é imbuído dos ensinamentos do filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, que ressalta a importância da voz dos moradores nesse processo em uma entrevista aberta para desmistificar a realidade urbana e o que pensa a comunidade (ANDRADE, 2016).

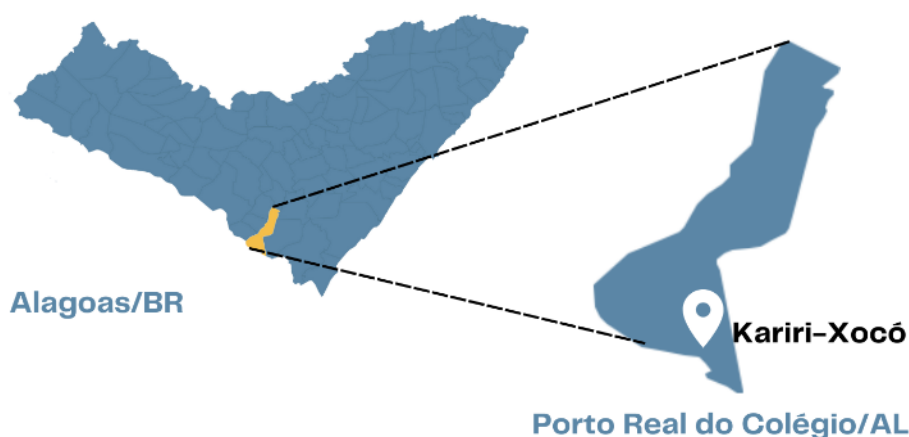
Imbuídos dessas bases, o EMAU desenvolveu outros projetos ao longo desses anos. Em parceria com o arquiteto Francisco Júnior, colaborou com as atividades de Cartografia Básica, Cadastro Físico e Projeto de Regularização Fundiária no Conjunto dos Garisⁱ, no bairro da Redinha, em Natal. Em 2020, em nova parceria com este arquiteto, o EMAU colaborou com estudos preliminares para redesenho do espaço urbano e de reforma do Centro Comunitário do Conjunto dos Garis, contemplado pelo Edital de ATHIS do CAU-RN. Devido à pandemia do Sars-CoV-19, o EMAU se redescobriu, refletindo maneiras de atuar online, difundindo informação, promovendo rodas de conversa e auxiliando na arrecadação de alimentos para grupos vulneráveis. Em 2022, o Maré atuou colaborando com o projeto “Mãe Luiza Acessível”, selecionado pelo Edital de ATHIS do CAU-RN, do arquiteto Nilberto Gomes e equipe, no desenvolvimento de propostas de reforma para 20 habitaçõesⁱⁱ em situação precária de acessibilidade naquela comunidade, selecionadas a partir de diálogo entre o grupo de arquitetos e a equipe da Unidade Básica de Saúde atuante no local.

Nesse viés da precariedade habitacional, o Maré busca compreender a complexibilidade das habitações e apropriações sociais, auxiliando o estudante de arquitetura e urbanismo a alcançar pessoas e contextos, além dos limites universitários, que geralmente são distantes dos escritórios tradicionais. Nesse sentido, o grupo participa da Rede Moradia e Assessoriaⁱⁱⁱ, analisando as condições

de moradia em assentamentos de origem informal na cidade de Natal e compartilhando experiências de assessoria técnica em HIS.

Considerando essa práxis do Maré, o objetivo deste artigo é apresentar a experiência de trabalho mais recente do EMAU junto à comunidade indígena Kariri-Xocó que, com cerca de 4 mil habitantes, está assentada no município de Porto Real do Colégio (Figura 01), Alagoas, em uma área demarcada como território indígena desde 1993 pelo governo federal. Atualmente, a ocupação da área apresenta vários tipos de aglomerados urbanos resultantes da construção de conjuntos habitacionais e construções espontâneas ocorridas ao longo dos anos. Assim, para contribuir com a manutenção da cultura, das tradições e fortalecimento das memórias ancestrais de seu povo, uma família promove atividades de resgate do idioma materno Duzubukuá-Kipeá (tronco linguístico Macro-jê). A matriarca da família, Senhora Idiane Crudza, professora e guardiã das línguas e culturas Kariri, organiza e promove projetos de preservação e disseminação do idioma nativo e da cultura, como parte das atividades do espaço cultural que idealizou e mantém. As atividades realizadas incluem a escuta dos idosos, guardiões das tradições, os tradicionais cantos de trabalho (rojões), danças, brincadeiras, pinturas corporais, confecção de adornos, confecção de utensílios de barro, práticas da medicina natural, da espiritualidade e de rituais. Essas atividades acontecem em diversos espaços do território, algumas na floresta, e outras em uma pequena área que contém uma casa de alvenaria sem eletricidade, uma oca em madeira e cobertura em palha, um banheiro improvisado e mais duasocas em construção (Figura 2).

Figura 1: Localização



Fonte: Elaboração dos autores, 2023

Figura 2: Edificações existentes



Fonte: Acervo dos autores, 2022

A proposta de Idiane é construir uma Casa de memória da cultura e do idioma Kariri-Xocó “Swbatkerá Dzidé Ayby Arãkié Yndiany Nayly” para contribuir com o reavivamento das memórias coletivas da cultura tradicional, do idioma materno, da identidade coletiva e da cultura dos povos Kariri que são transmitidas para as gerações mais novas.

A matriarca, organizada em um coletivo de mulheres, foi contemplada com 5 mil dólares em um edital da Cultural Survival^{iv} para a construção da sala de aula, parte da Casa de Memória e Cultura. A partir dessa demanda, apresentada pela articuladora de projetos Meg Kariri Manaura, PhD, Produtora Cultural Indígena Solidária, o Maré foi contactado para elaboração do projeto arquitetônico. Com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN (PROEX)^v foi viabilizada uma visita técnica para a equipe conhecer o local, interagir com a comunidade e assim dar início à idealização do projeto.

Essa proposta de ação, para o Maré EMAU, dialoga com o propósito da extensão universitária de expandir o conhecimento da academia, levando o profissional em formação às comunidades que não tem acesso ao trabalho do arquiteto e urbanista, cumprindo sua função social. Do ponto de vista acadêmico, essa ação se coaduna com o que preconiza a Lei No 11.654/2008, que reviu o art. 26-A da LDB, incluindo a história e a cultura dos povos indígenas na formação de estudantes tendo em vista uma “concepção mais alargada de cidadania, dada pelo reconhecimento da participação dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira, bem como de suas culturas e patrimônios” (CNE/CEB, 2015).

O projeto, conforme entendimento mútuo entre equipe e comunidade indígena, foi inspirado na arquitetura ancestral Kariri-Xocó, considerando aspectos de segurança, conforto, durabilidade e versatilidade das bioconstruções contemporâneas, com baixo custo e baixo impacto ambiental. Destacou-se, portanto, a importância da participação, diálogo e aprendizado da equipe do Maré EMAU, apoiada por professores dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil da UFRN, com a comunidade Kariri-Xocó.

2 PRIMEIRO CONTATO E VISITA

O primeiro contato antes da viagem se deu por meio de encontros online com as lideranças da comunidade, as quais explicaram a demanda. Após alguns encontros virtuais, foi possível preparar metodologias participativas a serem utilizadas com a comunidade, a fim de captar informações

necessárias para o início do processo criativo. Além disso, a professora da disciplina de topografia dispôs seus materiais e um minicurso de levantamento topográfico para os componentes da viagem, o que foi indispensável para o começo do projeto.

A visita à comunidade, o primeiro grande desafio devido à distância de Natal (RN) à Porto Real do Colégio (AL), foi realizada no intervalo de três dias, sendo 20 horas de deslocamento. A viagem proporcionou a imersão da equipe nos costumes, no dia-a-dia da comunidade e na cultura indígena. Assim como os estudantes, a própria comunidade havia preparado diversas atividades de recepção e diálogo com o grupo.

O primeiro dia de vivência teve início no fim da tarde, quando o grupo chegou à aldeia. Todos se reuniram na oca que hoje é a sala de aula, para a primeira conversa entre todos (Figura 3). O jantar foi oferecido na própria aldeia e compartilhado pelo grupo.

Figura 3: Chegada na Aldeia Indígena Kariri-Xocó e primeiro contato presencial



Fonte: Acervo dos autores, 2022

No dia seguinte, foi realizado o levantamento físico do espaço, medições e locação das construções existentes e levantamento topográfico do terreno onde será implantada a Casa de Memória e Cultura (Figura 4). Paralelo a isso, parte do grupo aplicou as atividades, previamente organizadas, com as crianças, que atualmente têm aula na oca existente.

Figura 4: Levantamento topográfico e arquitetônico



Fonte: Acervo dos autores, 2022

As refeições foram feitas na aldeia para mais momentos de partilha e vivência da cultura. Além disso, foram feitas entrevistas com os adultos que estavam presentes e o registro da tecnologia social utilizada pelos construtores da comunidade. À tarde foi feita uma visita em outra área do território onde estão sendo construídas edificações em taipa para que o grupo conhecesse as edificações que representam a cultura do povo. Essa área está localizada em um arranjo espacial mais próximo das ocupações indígenas tradicionais, no qual as ocas são distribuídas em torno de um espaço vazio central, que conta com a presença de espaços coletivos (Figuras 5 e 6). Essa oportunidade de imersão dificilmente acontece na graduação, e foi completamente necessária para ampliar a percepção dos estudantes acerca de outras realidades para além do que se vê em sala de aula.

Figura 5: Fase de acabamentos de casa feita em taipa



Fonte: Acervo dos autores, 2022

Figura 6: Panorâmica do território



Fonte: Acervo dos autores, 2022

Também foram realizadas visitas aos espaços de trabalho das ceramistas, mulheres indígenas que guardam a tradição da confecção de utensílios em barro. Além de gravação de entrevistas com alguns representantes (Figura 7).

Figura 7: Produção de vasos cerâmicos e entrevistas com as lideranças



Fonte: Acervo dos autores, 2022

À noite ocorreu o momento de confraternização e despedida com a realização do ritual do Toré, que está presente nas manifestações culturais de diversos povos indígenas que vivem no Nordeste. Essa é uma dança que se dá no entorno de uma fogueira conduzida por um grupo de homens, regida por uma música chamada Toante, cantada por apenas um cantor acompanhado pelos gritos ritmados do grupo de bailarinos formado por homens, mulheres e crianças (Figura 8). Os alunos e professores tiveram o privilégio de participar desse momento, mais uma vez experimentando a imersão nos costumes e hábitos dos povos que representam tão fortemente a cultura do povo brasileiro.

Figura 8: Momento de confraternização



Fonte: Acervo dos autores, 2022

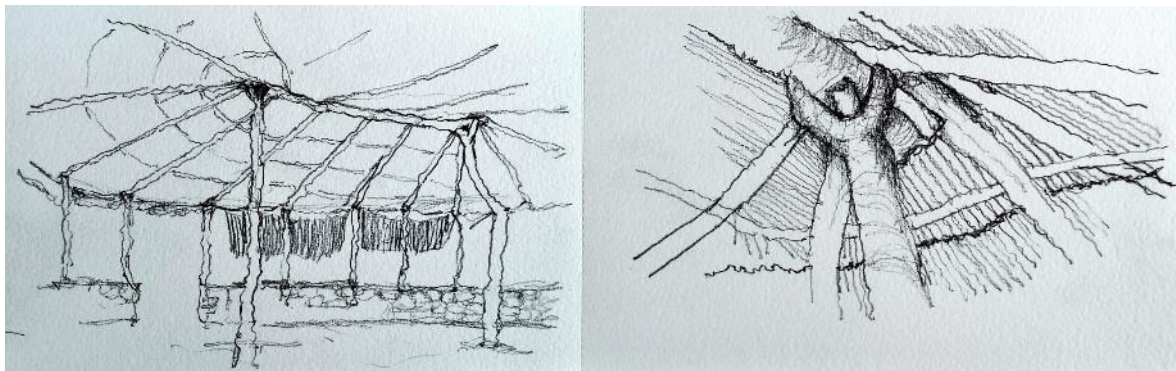
Como resultado desta experiência de imersão nos costumes, cultura, formas de construir e percepção das atividades que acontecerão na Casa de Memória e Cultura, nota-se a necessidade do rebatimento desse aprendizado no projeto a ser desenvolvido. O projeto contará com duas edificações independentes, uma sala de aula para o ensino da língua e um memorial para guardar objetos que representem a memória e a cultura da comunidade. Também devem ser propostos banheiros ecológicos à parte como apoio. O grupo considera importante prever um sistema de coleta de água da chuva e cisterna, visto que no período de seca há uma grande dificuldade de obter água.

Após o retorno do grupo à Natal, o contato com a matriarca se mantém mediante conversas utilizando plataformas virtuais para discussão do projeto. No momento de escrita desse artigo foi entregue uma versão final do projeto da sala de aula e um caderno com uma proposta esquemática do conjunto completo da Casa de Memória e Cultura.

3 PRODUÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A interação preliminar com a comunidade foi primordial para adquirir repertório, vivenciar e analisar a cultura e arquitetura ancestral Kariri-Xocó, caracterizada pelas construções adaptadas às condições climáticas e culturais da região. Na comunidade, os elementos construídos são caracterizados por edificações em alvenaria ou em materiais encontrados na região, como madeira, palha, folhas de palmeira e barro, que também se fazem presentes nas ocas em formato oval e ornamentadas com os grafismos^{vi}. Nesse sentido, a arquitetura torna-se simples e funcional, atendendo às necessidades básicas de abrigo e proteção. Ademais, fortalece a vivência comunitária, que se faz presente não só após a construção das habitações, mas também durante a execução, momento no qual diversos moradores com idades distintas participam conjuntamente do processo, disseminando um conhecimento que é passado por gerações.

Figura 9: Desenho da oca e detalhe estrutural



Fonte: José Clewton, 2022

Figura 10: Construções e habilidades tradicionais



Fonte: Acervo dos autores

A maneira de construir os espaços, os objetos e mobiliário existentes, o formato dos edifícios e sua distribuição, vindos dos costumes e tradições do povo, são aspectos considerados para a nova proposição. Nesse sentido, todos pontos mencionados contribuíram para a concepção da proposta, apesar de que, para garantir mais durabilidade às edificações, foram cogitados outros tipos de materiais no projeto.

Após os diálogos e vivências na visita, elaborou-se o programa de necessidades que contemplava a sala de aula com um depósito, os banheiros ecológicos, e o memorial.

O zoneamento inicial levou em conta as edificações pré-existentes e a constatação de que as atividades ocorrem em torno da fogueira. Essa observação foi adotada como partido arquitetônico, direcionando a implantação dos novos elementos construídos ao redor da área da fogueira, conferindo-lhe um papel central no conjunto edificado.

A sala de aula seria o primeiro espaço a ser construído, considerando que as principais atividades acontecem lá e o orçamento não permite a construção do conjunto arquitetônico.

A primeira proposta desenvolvida utilizou como partido a forma tradicional das ocas visitadas na comunidade - oval - como uma reprodução dos espaços vivenciados. Foi desenvolvida (Figura 10) com uma desejável aproximação estética do edifício já existente. Além da manutenção de um objeto arquitetônico aberto, livre e coberto, que pudesse proteger os usuários do sol e chuva durante os períodos de uso, buscou-se também transmitir aconchego a partir da relação visual com o entorno.

Figura 10: Oca antiga e render da primeira proposta



Fonte: Acervo dos autores, 2022

A proposta, entretanto, não contemplou as expectativas da comunidade. A apresentação feita por videoconferência trouxe diversos elementos que precisavam ser incorporados ao projeto. Tanto elementos construtivos quanto elementos da cultura Kariri-Xocó precisavam ser melhor evidenciados na proposta. Era necessário que a edificação representasse os anseios, os costumes e a arte Kariri. Além disso, a perspectiva de se construir em etapas precisava ser considerada e para tanto, o formato oval limitaria essa condição.

Uma segunda proposta foi desenvolvida considerando todos os aspectos demandados pelo grupo. Optou-se pela forma hexagonal que possibilita o encaixe de novos elementos construídos futuramente, mas não perde a aproximação do formato original das ocas que foram visitadas e estudadas. E foram escolhidos o tijolo cerâmico de 8 furos e a cobertura em telha cerâmica por uma exigência de Idiane, considerando a durabilidade.

A nova proposta (Figura 11) buscou integrar ainda mais os costumes da comunidade, as relações estabelecidas com o espaço, os objetos utilizados e os edificados. Algumas alvenarias foram projetadas para serem edificadas com uma parcela em tijolo cerâmico e complemento em madeira para promover a ventilação natural; externamente, as alvenarias são revestidas em tinta de cor branca possibilitando a pintura de grafismos; o piso interno em terra batida, como nas demais ocas, e se utilizarão esteiras para acomodação das crianças; optou-se por vasos cerâmicos, produzidos pela própria comunidade, que, quando cheios de água, favorecem a umidificação e resfriamento do ar que penetra no ambiente.

Figura 11: Mosaico do conjunto edificado proposto



Fonte: Acervo do autores, 2023

A nova proposta foi apresentada à comunidade, virtualmente, e foi muito bem aceita. Segundo Idiane, esse projeto representa exatamente o que ela sonhou. Os elementos que remetem à comunidade, aos espaços tradicionais estão bem representados nessa nova proposta. A forma, o material, o artesanato

cerâmico e de palha, e o grafismo foram fundamentais para o reconhecimento da comunidade na proposta desenvolvida pelo EMAU Maré.

Algumas alterações no projeto arquitetônico ainda foram feitas, para aprimorar o funcionamento, para melhoria do conforto ambiental e no intuito de baratear a obra e adequá-la à possibilidade de construção pela própria comunidade.

O projeto executivo foi desenvolvido sob orientação de um professor, engenheiro civil, da UFRN que tem experiência em projetos com comunidades indígenas na Amazônia. O professor modificou um pouco a estrutura para que essa pudesse ser produzida pela própria comunidade, com o conhecimento técnico prático que eles possuem. O detalhamento da estrutura e o projeto estrutural foram desenvolvidos por um engenheiro membro da ONG Engenheiros Sem Fronteiras, que também contribuiu com o orçamento da obra a partir da indicação da quantidade de aço e concreto que devem ser utilizados. Essa interdisciplinaridade foi muito importante para o fazer prático dos alunos do EMAU que aprenderam muito com os diversos profissionais. O projeto executivo entregue é composto por dois produtos principais: as pranchas com as representações técnicas da sala de aula e o memorial descritivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho, mostrou que a extensão universitária é fundamental para expandir o conhecimento da universidade, especialmente do arquiteto e urbanista, para que se atue em comunidades com especificidades culturais, uma vez que é responsabilidade desses profissionais projetar espaços inclusivos e sensíveis às necessidades de diferentes grupos. Quando se projeta para uma comunidade indígena, é especialmente crucial adotar uma abordagem respeitosa e colaborativa. Essa experiência acadêmica, permitiu a busca pela compreensão e valorização de práticas dos nossos povos originários com a percepção cultural, tradicional e suas relações com o ambiente. Ademais, a extensão universitária se mostrou um instrumento para alcançar lugares onde escritórios tradicionais não chegam. É um meio de contribuir para a construção de cidades mais justas e sustentáveis e uma oportunidade de despertar a sensibilidade de profissionais dispostos a construir uma mentalidade e sociedade inclusivas.

Além disso, a interdisciplinaridade do projeto, oportunizou integrar conhecimentos e perspectivas advindas de campos diferentes. Foi uma forma de promover uma mentalidade colaborativa e a capacidade de trabalhar em equipes multidisciplinares, habilidades essenciais para arquitetos e urbanistas que frequentemente precisam colaborar com profissionais de diversas áreas em projetos complexos. Dessa forma, os estudantes tiveram autonomia no fazer prático com o auxílio de professores especializados. A respeito disso, Shon diz:

... estudantes aprendem principalmente através do fazer, apoiados pela instrução. Sua aprendizagem prática é “reflexiva” em dois sentidos: destina-se a ajudar os estudantes a tornarem-se proficientes em um tipo de reflexão-na-ação e, quando isso funciona bem, acaba por envolver um diálogo entre instrutor e aluno que torna a forma de reflexão-na-ação recíproca. (2000, p. VIII)

Embora a equipe projetista tenha o conhecimento técnico, o forte diálogo com os Kariri-Xocós permitiu uma maior troca de conhecimento durante todo o projeto que, apesar das barreiras territoriais, aconteceu de forma participativa na qual a comunidade, através de uma representante, esteve presente desde o princípio. Assim, os verdadeiros protagonistas dessa história foram ouvidos e respeitados.

Portanto, o produto final é o resultado da compreensão dos saberes tradicionais, das tecnologias construtivas, das percepções espaciais e sociais da comunidade indígena com os conhecimentos técnicos da equipe de estudantes e professores. Assim, propomos uma edificação coerente que incorpora elementos simbólicos e significativos, valorizando a identidade dos reais usuários e fortalecendo o senso de pertencimento. Em síntese, na fala da liderança comunitária, o projeto foi a representação de um sonho da comunidade.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos que contribuíram para o projeto: à PROEX/UFRN que financia o projeto, à equipe de estudantes^{vii}, aos profissionais de Arquitetura e Urbanismo^{viii} e de Engenharia Civil^{ix}. Especial reconhecimento a Meg Kariri Manaura e a Idiane Crudza, que foram contato com a comunidade Kariri-Xocó.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. de A. e. A palavra do habitante e as possibilidades de apropriação do habitat em locação social: o programa de locação social da prefeitura municipal de São Paulo. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN. Natal, 2016.

BRASIL. **Lei No 11.645**, de 10 de março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. CNE/CEB.

BORDENAVE, J. E. D. O que é participação. São Paulo, Brasilius, 1994, 8a edição.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, 7a edição.

SHON, D. Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000 *apud* CAVALCANTE, Eunádia Silva. **Repercussão da integração de conteúdos das disciplinas nos trabalhos finais de graduação do CAU-UFRN (2003 a 2010)**. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - CT/UFRN, Natal, 2015.

ⁱ Projeto contemplado pelo edital de ATHIS do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Norte – CAU/RN e da Secretaria Municipal de Habitação Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes (SEHARPE).

ⁱⁱ A execução das reformas das casas foram custeadas por emenda parlamentar da vereadora Brisa...

ⁱⁱⁱ <https://www.moradiaassessoria.org.br>

^{iv} Cultural Survival is an Indigenous-led NGO and U.S. registered non-profit that advocates for Indigenous Peoples' rights and supports Indigenous communities' self-determination, cultures, and political resilience, since 1972. For 50 years, Cultural Survival has partnered with Indigenous communities to advance Indigenous Peoples' rights and cultures worldwide. We envision a future that respects and honors Indigenous Peoples' inherent rights and dynamic cultures, deeply and richly interwoven in lands, languages, spiritual traditions, and artistic expression, rooted in self-determination and self-governance. (<https://www.culturalsurvival.org/>)

^v Atualmente o projeto conta com 2 bolsas de extensão para alunos da graduação e recursos da PROEX/UFRN para realização de novas visitas.

^{vi} Manifestação artística e estética caracterizada em arte visual por meio de desenhos e pinturas presentes na cultura indígena.

^{vii} Augusto Moreira, Beatriz Rincon, Carlos Domingos, Cleanto Silva, Eduarda Assunção, Fernanda Costa, Gabriela Dantas, Gustavo Fernandes, Jéssica Dias, Milena Basílio, Rebecka Oliveira, Victor Militão e Vitória Jade.

^{viii} Amíria Brasil, Edna Mota, Eunádia Cavalcante, José Clewton Nascimento e Marize Brito.

^{ix} José Neres e Franksuel Machado.